

Sobre a parábola dos talentos

No vocabulário moral da Antiga Grécia, a noção de virtude estava ligada à de talento ou dom natural. Um indivíduo virtuoso era aquele que possuía a excelência de uma natureza bem dotada.

Qualidades naturais como a inteligência, a beleza, a força física, a memória eram tidas como virtudes. Portanto, para os antigos, o soldado virtuoso era aquele que lutava bem; o agricultor virtuoso o que sabia cuidar com maestria de sua plantação, o atleta virtuoso o que tinha um corpo belo, forte e perfeito, e assim por diante. Daí a aristocracia¹ do talento.

Para os gregos da Antiguidade, havia uma hierarquia natural dos seres. Alguns nasciam para comandar e outros para obedecer, por isso a escravidão se adaptava sem dificuldade à sua vida política. O mérito era conferido aos talentos dados pela natureza aos indivíduos, e nada restava aos que eram pouco dotados, a não ser se conformar com a sua natureza.

Com a vinda de Jesus, no entanto, houve uma nova ordem de ideias. Ele ensinou algo revolucionário para o pensamento vigente em sua época, com relação à virtude. Um exemplo disso é que o valor moral de um indivíduo não depende dos dons ou talentos com que a natureza o dotou, mas sim do uso que ele faz deles, com liberdade.

Vejam o grande ensinamento que encerra, com relação a esse tema, a Parábola dos talentos.²

O Senhor age como um homem que, tendo de fazer longa viagem fora do seu país, chamou seus servidores e lhes entregou seus bens. – Depois de dar cinco talentos a um, dois a outro e um a outro, a cada um segundo a sua capacidade, partiu imediatamente. – Então, o que recebeu cinco talentos foi-se, negociou com aquele dinheiro e ganhou cinco outros. – O que recebera dois ganhou, do mesmo modo, outros tantos. Mas o que apenas recebera um cavou um buraco na terra e aí escondeu o dinheiro de seu amo. – Passado longo tempo, o amo daqueles servidores voltou e os chamou a contas. – Veio o que recebera cinco talentos e lhe apresentou outros cinco, dizendo: Senhor, entregaste-me cinco talentos; aqui estão, além desses, mais cinco que ganhei. – Respondeu-lhe o amo: Servidor bom e fiel; pois que foste fiel em pouca coisa, confiar-te-ei muitas outras; compartilha da alegria do teu senhor. – O que recebera dois talentos apresentou-se a seu turno e lhe disse: Senhor, entregaste-me dois talentos; aqui estão, além desses, dois outros que ganhei. – O amo lhe respondeu: Bom e fiel servidor; pois que foste fiel em pouca coisa, confiar-te-ei muitas outras; compartilha da alegria do teu senhor. – Veio em seguida o que recebeu apenas um talento e disse: Senhor, sei que és homem severo, que ceifas onde não semeaste e colhes de onde nada puseste; – por isso, como te temia, escondi o teu talento na terra; aqui o tens: restituo o que te pertence. – O homem, porém, lhe respondeu: Servidor mau e preguiçoso; se sabias que ceifo onde não semeei e que colho onde nada pus – devias pôr o meu dinheiro nas mãos dos banqueiros, a fim de que, regressando, eu retirasse com juros o que me pertence. – Tirem-lhe, pois, o talento que está com ele e deem-no ao que tem dez talentos; – porquanto, dar-se-á a todos os que já têm e esses ficarão cumulados de bens; quanto àquele que nada tem, tirar-se-lhe-á mesmo o que pareça ter; e seja esse servidor inútil lançado nas trevas exteriores, onde haverá prantos e ranger de dentes.

¹ A aristocracia é uma forma de governo em que o poder pertence a uma classe composta das pessoas mais consideráveis, e fechada a todas as outras. Por extensão, a classe nobre (Dictionnaire de la langue française, Littré 1863.)

² S. Mateus, 25:14 a 30.

Jesus ensinou nessa parábola que, no plano moral, no plano do espírito, a desigualdade das aptidões não têm nenhuma importância, e que o verdadeiro mérito está no uso que se faz delas.

Ele ressaltou o valor da liberdade de escolha, ou livre-arbítrio, e instalou a meritocracia³, ao fazer compreender que só pode ser chamada de virtuosa uma ação livre, voluntária.

Talentos como a força física, a inteligência, a coragem, a memória, a riqueza, etc., herdados no nascimento, não são intrinsecamente virtuosos, já que todos podem ser postos a serviço do melhor ou do pior, utilizados tanto para o bem quanto para o mal.

Ao trazer a ideia de que o valor do ser humano não depende de seus dons ou de seus talentos naturais, Jesus abriu à humanidade o caminho para o respeito à liberdade individual, e muitas morais modernas não cristãs e até mesmo anticristãs, adotaram. Não se pode negar que foi a partir dos ensinamentos de Jesus que o livre-arbítrio passou a ser o princípio de todo julgamento sobre a moralidade de um ato, e que é a base das filosofias humanistas.⁴

Para perceber os efeitos positivos dessa nova ordem de ideias implantadas por Jesus, basta observar os países onde as ideias cristãs não penetraram. Em alguns deles a hierarquia social ainda é estabelecida pelo nascimento, em que se percebe o sectarismo das castas, dos sexos, da condição social, etc.

Nos dias de hoje, embora mais concordes com o pensamento de liberdade e de mérito pessoal, os homens ainda se perguntam como entender a distribuição dos talentos naturais, ou seja: por que tantas desigualdades de aptidões?

Esta é uma questão que a ciência espírita já solucionou, ao revelar a lei da pluralidade das existências, ou reencarnação. A esta pergunta: *Qual a origem das qualidades morais, boas ou más, do homem?* responderam os Espíritos: "São as do Espírito nele encarnado. Quanto mais puro é esse Espírito, tanto mais propenso ao bem é o homem."

A esta outra questão: *Por que não outorgou Deus as mesmas aptidões a todos os homens?*⁵, responderam: "Deus criou iguais todos os Espíritos, mas cada um deles vive há mais ou menos tempo, e, conseqüentemente, tem feito maior ou menor soma de aquisições. A diferença entre eles está na diversidade dos graus da experiência alcançada e da vontade com que agem, vontade que é o livre-arbítrio. Daí o se aperfeiçoarem uns mais rapidamente do que outros, o que lhes dá aptidões diversas(...)"

Ao nascer, traz o homem consigo o que adquiriu; nasce qual se fez; em cada existência, tem um novo ponto de partida.

Sem a ideia da reencarnação parece parcialidade ou injustiça o que com ela se torna perfeitamente justo e lógico. Cada um recebe os talentos de acordo *com sua capacidade* já conquistada, como diz a parábola, e também deixa clara a ideia de que o mérito está no uso, livre, que se faz do que se recebe. Em outras palavras do próprio Jesus: "a cada um será dado segundo suas obras".

TC, 15/09/2011

³ *Hierarquia social fundada sobre o mérito individual.* (Le Nouveau Petit Robert de la langue française, 2008, terme: méritocratie.)

⁴ Ver Luc Ferry, *Aprender a Viver*, tratado de filosofia para as jovens gerações, ed. Objetiva, 2010.

⁵ O Livro dos Espíritos, item 804.